

**RIR \_\_\_\_\_**  
**A \_\_\_\_\_**  
**BANDEIRAS \_\_\_\_\_**  
**DESPREGADAS**

CHRISTUS NOBREGA

# **Rir a Bandeiras Despregadas**

**CADERNO DE ARTISTA**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(VozVisual Editora, Brasília, DF, Brasil)

N744r  
Nóbrega, Christus Menezes da.  
Rir a bandeira desarmadas / Christus Menezes da Nóbrega ; com texto de Sílvia Badra. – 1ª ed.  
– Brasília: VozVisual Editora, 2023.  
40 p. : il. ; 21 cm.  
ISBN: 978-65-01-07605-8  
1. Artes visuais. 2. Caderno de artista. 3. Luiz Inácio Lula da Silva. 4. Performance.  
5. Videoinstalação. 6. Rir. I. Badra, Sílvia. II. Título.

CDD 709.04  
CDU 7.036

ISBN: 978-65-01-07605-8



# Rir a Bandeiras Despregadas

Christus Nóbrega

**VOZVISUAL**



"Rir a Bandeira Despregada" é um caderno de artista que documenta o processo criativo e conceitual que deu origem a obra homônima de Christus Nóbrega. O trabalho foi comissionado para a exposição "Brasil do Futuro: As Formas da Democracia", curada por Lilia Schwarcz, Márcio Tavares, Paulo Vieira e Rogério Carvalho e apresentada durante a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no Museu Nacional da República, em 1º de janeiro de 2023. A obra é composta por uma videoinstalação e um decreto presidencial, o "Decreto do Rir", assinado pelo presidente em uma cerimônia protocolar. A videoinstalação exibe imagens de pessoas de diversas faixas etárias, etnias e gêneros rindo, explorando o riso como um ato de coragem, resistência e libertação. "Rir a Bandeira Despregada" oferece uma reflexão sobre o papel do riso na sociedade, destacando sua capacidade de celebrar ou desorganizar a ordem estabelecida, a diversidade e a singularidade humana e promover utopias.





A expressão "rir a bandeiras despregadas" é uma expressão idiomática do português que se refere a rir de forma desinibida, aberta, e sem reservas, como uma expressão de grande alegria e alívio. A origem da expressão remonta aos tempos das navegações. Durante as grandes expedições marítimas dos séculos XV e XVI, quando os navios voltavam de uma batalha ou de uma viagem de exploração bem-sucedida, eles hasteavam suas bandeiras de maneira destacada e festiva. Despregadas dos mastros e tremulando ao vento, as bandeiras indicavam aos que estavam em terra que os marinheiros tinham sido vitoriosos. Assim, "despregadas" se refere ao ato de soltar as bandeiras para que fiquem visíveis e esvoaçantes. A expressão, portanto, metaforiza essa imagem de celebração e triunfo. Quando alguém ri "a bandeiras despregadas", está rindo com toda a alma, sem contenção, de forma expansiva e alegre, como se estivesse comemorando uma grande vitória pessoal ou coletiva.







# OS RISOS QUE CONTEMPLAM A DEMOCRACIA

Por Silvia Badra

Por coincidências ou não, no dia 8 de fevereiro, exatos um mês após uma das maiores tentativas de golpe contra a democracia brasileira, a exposição "Brasil futuro: as formas da democracia" recebeu o presidente Lula no Museu Nacional em Brasília.

O artista paraibano radicado em Brasília, Christus Nóbrega, pega a expressão portuguesa antiga "Rir a bandeiras despregadas", como mote para descrever em forma de risos os diversos afetos circulantes em tudo aquilo que a política provoca em seus cidadãos. A expressão trazida dos nossos colonos pelo artista era aplicada quando os navios que saíam para o combate em uma guerra voltavam para terra e soltavam as bandeiras para que estas ficassem tremulando, como sinal para seus povos de que tinham vencido a batalha.

Nada mais significativo e emblemático para nosso momento histórico podermos pensar na obra de Christus como um resgate da nossa bandeira sequestrada como símbolo e como propriedade particular, tal qual testemunhamos pelo governo passado.

Expor uma obra com essa magnitude para o Brasil pós eleição, pós tentativa de golpe, significa "despregar" o riso contido por uma

situação coercitiva vivida na batalha interna da nossa nação, onde a polarização acabou por nos tornar estrangeiros ao que seria um suposto "nós mesmos" nos tornando estranhos àquilo que podemos reconhecer como "nosso", àquilo que é justo a nossa maior riqueza, a nossa pluralidade étnica, sexual, ideológica, racial etc. Ou seja, uma obra como esta, de fato, merece a assinatura de um presidente que sobe a rampa com cada um daqueles que representa a nossa diferente brasilidade e desce, após os atos golpistas com os três poderes de mãos dadas, uma obra como o decreto do riso torna-se extremamente emblemática para não dizer "necessária" para o povo brasileiro.

A estranheza de si ou o estranhamento naquilo que não nos parece familiar a nós mesmos é algo que a psicanálise tem por conceito teórico basal para a compreensão do que a obra também revela. Os Outros, os quais supomos nos risos ou os quais supomos que estejam rindo de, podem ser qualquer um ou qualquer coisa, mas a identificação faz com que a obra invoque os afetos subjetivos de seu fruidor. Em cada um de nós, ela suscita de forma inconsciente a repetição em ato, dos afetos provocados ao longo do processo eleitoral. Cada pessoa se identificará em uma determinada posição representativa de sua própria subjetividade. Em meio a um país dividido, podemos rir de uma conquista ou nos sentirmos confrontados por esta representada na obra.

Ontem, num gesto solene, a obra foi assinada pelo atual Presidente Lula, e o que ficou emblemático foi o resgate à cultura usurpada, à bandeira sequestrada, à democracia violada, de todos os deslocamentos autoritários e excludentes, para instaurar o riso como aquilo que legitima a igualdade e a liberdade de todo tipo de gente e de todos os tipos de risos e de afetos. Os risos também representam as reapropriações democráticas simbólicas por aqueles brasileiros que estavam na cota dos "passíveis de não existirem" pela ideologia do poder passado.

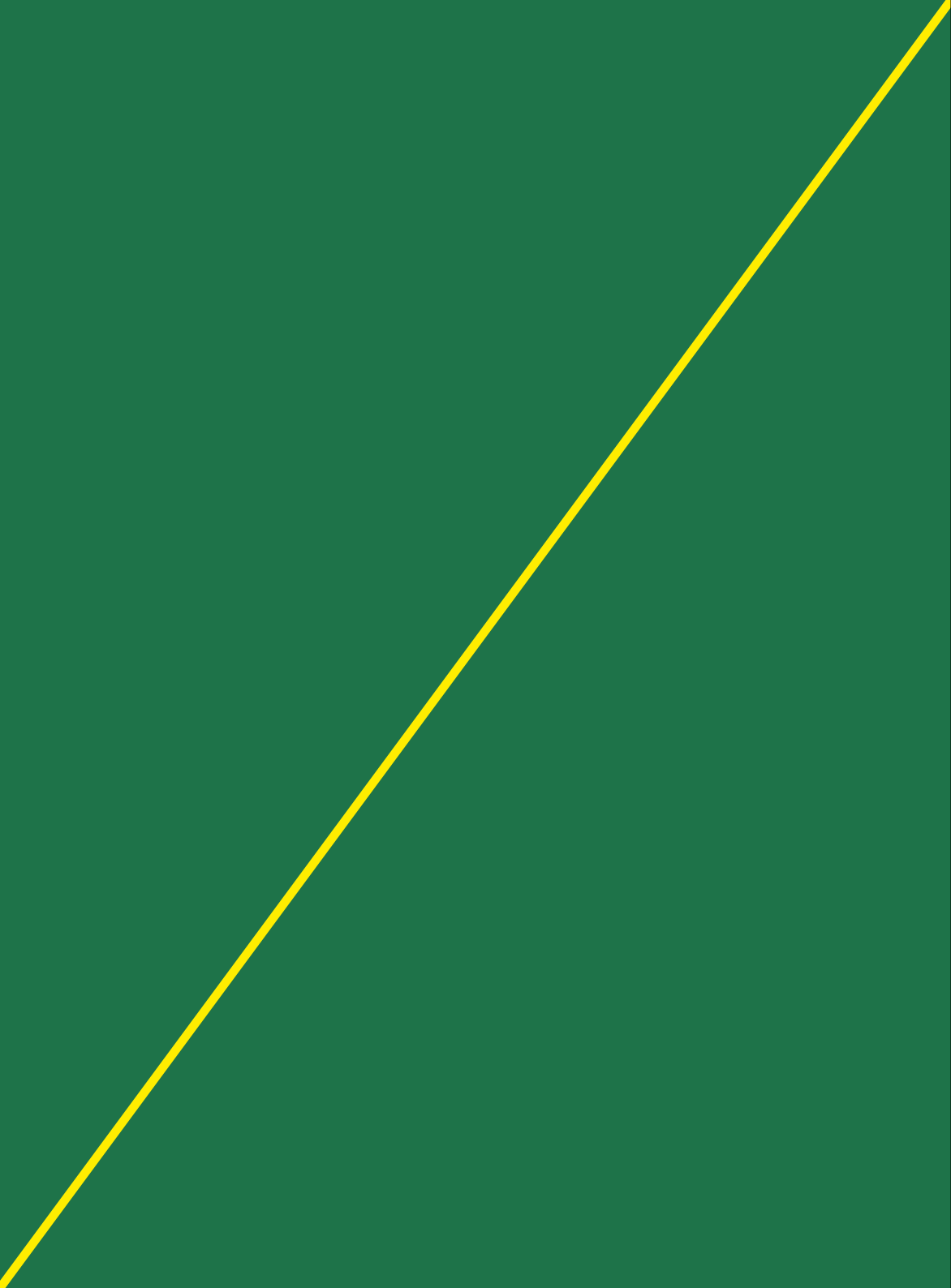
Como já bem nos apontava Freud, o riso demonstra a fissura que se irrompe naquilo que escapa e que é irreconciliável, algo que eclode através de uma verdade que aflora no que fica revelado. Logo no início de sua obra, em 1905, Freud escreveu "Os chistes e sua relação com o inconsciente". Chiste para Freud não é algo da ordem que necessite de explicação, pois ele carrega a capacidade de provocar riso no outro, o sujeito é pego num flagrante, um riso revelador, que provoca surpresa, satisfação, vergonha, pavor, tristeza ou qualquer outro afeto, pois o que ele não deixa esconder é o mistério e a diversidade multiforme.

Traz consigo uma eloquência para o sujeito que ri, que é reveladora de que algo da ordem do inconsciente tenha se dado, em termos de significante. Que a graça seja própria do ser humano já foi afirmado por Aristóteles em "As partes dos animais", quando coloca que "O homem é o único animal que ri". E acrescentando: é o único animal capaz de criar diferentes verdades.

Num gesto generoso, Christus inclui professores, atores e alunos das artes cênicas para representarem os diferentes risos, os diferentes povos e a pluralidade de saberes, os quais representam a UnB, seu decreto do rir está encenado em telões que ecoam a sua poesia visual por todo o museu.

Numa espécie de lavagem da escadaria da igreja do Bonfim, o riso traz inclusive, segundo o artista, uma referência importante advinda da Umbanda, os Exus e as pombas giras usam o riso para se purificarem, numa espécie de ação mágica, soltam seus risos catárticos para lavarem o ambiente, e assim o decreto do rir como um símbolo que faz alusão a uma pessoa de braços abertos, convida a todos para o novo momento nacional, o de rirmos juntos não só "dos" outros, mas "com" os outros e, quem sabe assim, num passo seguinte, podermos rir de nós mesmos e das nossas estranhas verdades.





## **QUAQUARAQUAQUÁ, QUEM RIU? QUAQUARAQUAQUÁ, FUI EU**

Por Christus Nóbrega

O riso, ah, o riso! Esse rasgo no tecido da moral, que revela a carne crua sob o brilhoso cetim de poliéster. O riso é a fenda na casca da fruta, por onde a doçura fermentada escorre. É uma faísca ancestral, visceral, que escapa e incendeia o espírito, expondo nossas potências e vulnerabilidades. É o eco primordial que ressoa em nós, conectando-nos ao nosso devir, e a nossa comuna. O riso é uma convulsão, um espasmo que irrompe do corpo sem pedir licença. Não é mera reação, mas um ato de criação, uma linha de fuga que rompe com a ordem estabelecida. É a máquina desejante em seu estado primordial, liberando fluxos de energia que escapam ao controle da razão. O riso é um segredo involuntário que escapa dos lábios, em um momento de revelação que nos desnuda. Não é fuga, nem negação. É o mergulho na verdade que nos une.

Dizem os estudiosos da vida que as pessoas têm 30 vezes mais probabilidade de rir em situações sociais do que quando estão sozinhas. E eu me pergunto: por quê? Eu te digo: No ventre do riso, há uma conexão invisível, um fio dourado que nos une. O riso nasce em comunhão, no encontro. É um instante de reconhecimento mútuo,

uma alegria que se multiplica no reflexo do outro. Quando estamos sozinhos, o riso é raro, quase uma sombra do que poderia ser. Sozinhos, estamos completos, mas não transbordamos. O riso precisa de um espelho, de uma outra face que o devolva ampliado, multiplicado.

Buscamos o riso na solidão e encontro apenas lampejos. Precisamos do toque invisível das presenças ao redor para rir por inteiro, porque o outro nos dá permissão para sermos vulneráveis, para crer. Rir socialmente é criar cumplicidade. O riso coletivo é a expressão máxima da nossa humanidade, um grito nada silencioso que diz: "Eu estou aqui, eu te vejo, eu te entendo." É a confirmação da nossa existência, a prova de que não estamos sozinhos nas nossas crenças.

E assim, eu me pergunto: o que seria de nós sem o riso compartilhado, sem essa erupção viva? O riso social é a prova de que precisamos uns dos outros, que somos seres de conexão. Há algo de sagrado no riso que surge em meio à multidão, algo que nos eleva e nos une em uma única vibração. É como se, por um breve momento, todas as diferenças se dissipassem e restasse apenas a pura alegria de estar com. No final, o riso é um ato de coragem, um salto no vazio que se sustenta no ar. E eu te digo, com toda a certeza: o riso é a nossa salvação, a nossa redenção, o nosso momento de verdadeira liberdade.

No princípio, éramos criaturas de silêncio, mas um dia descobrimos o riso. O riso é mais antigo do que as palavras. É nossa linguagem primeira. Talvez a primeira delas. Quando ainda éramos das cavernas, o riso foi a resposta instintiva ao perigo, a alegria súbita de estarmos vivos, de termos escapado mais uma vez das garras da morte. E assim, o riso se tornou o ritual de afirmar os laços sociais. Quero captar a essência desse riso ancestral, que ressoa ainda hoje em nós. O riso que é memória genética, herança dos antepassados. Ele é o eco das cavernas, o murmúrio dos primeiros tempos, que atravessou os milênios para nos lembrar de nossa origem comum. O riso é a prova indelével da nossa humanidade compartilhada. Um gesto simples que contém toda a complexidade da nossa história.

As crianças riem muito mais do que os adultos. Enquanto um adulto ri em média 17 vezes por dia, uma criança pode rir até 300 vezes. E eu me pergunto: por quê? Elas riem porque estão descobrindo o mundo. Nas crianças, o riso é a resposta natural ao novo. As crianças não conhecem a censura do riso, não medem suas risadas. Rir é um ato de coragem, uma rebeldia silenciosa contra a polidez implacável do mundo. Não é bons modos, bom gosto, nem gentileza. É o grito rouco da alma que se liberta da jaula. Uma afirmação nada silenciosa, uma resistência que se manifesta em espasmos, em convulsões que expõem a fragilidade da falsidade e sacode o corpo. O riso não é

sobre o cômico, mas sobre o trágico. É o reconhecimento do absurdo da existência, da fragilidade da vida, da inevitabilidade da morte. É a aceitação do caos, da diferença, da multiplicidade. É a afirmação da vida em sua potência mais radical, a recusa da moral e dos valores transcendentais. O riso é sempre um invasor que vem para desorganizar a falsa compostura, como um pássaro que escapa da gaiola e ignora o destino do seu voo, encontrando apenas o gozo de voar. Rir é desterritorializar, desconstruir, desorganizar. É criar um espaço de liberdade, um campo de experimentação onde tudo é possível. É abrir-se ao devir, ao movimento perpétuo, à metamorfose.

O riso não é um fim em si mesmo, mas um meio de transformação. É a força que nos impulsiona para além dos limites, que nos faz romper com as amarras do pensamento binário, que nos permite criar novas conexões, novas possibilidades. O riso é um enigma, um paradoxo que desconcerta. O riso é a luz que cega, a sombra que revela. É a melodia que desafina, a harmonia que destoa. É o caos que organiza, a ordem que desordena. Rir é pensar com o corpo, sentir com a mente. É desconstruir a dicotomia entre razão e emoção, entre sujeito e objeto. É mergulhar no fluxo da vida, deixar-se levar pela correnteza do desejo, experimentar a intensidade do presente.

Rir pode ser suave, quase imperceptível, ou sombrio, ocultando deliciosas intenções. O riso infantil, ingênuo, carrega a promessa de um mundo por explorar, enquanto o riso adulto, muitas vezes, traz consigo a carga dos caminhos já trilhados. Mas, independentemente de sua forma, o riso anuncia um sopro revigorante. Sopro divino.

os deuses riem, sabia? erês riem. exus e pombagiras gargalham. guardiões da transformação, não só riem como gargalham. Com suas gargalhadas abrem as portas do inferno para encaminhar os tiranos de volta para suas casas. A gargalhada é a arma dos marginalizados, dos silenciados, dos que ousam desafiar a norma castradora. É a gargalhada dos escravizados que zombam da pompa dos senhores, a gargalhada das mulheres que ridicularizam a misoginia dos patriarcas, o riso dos LGBTQIA+ que rompe a heteronormatividade. Gargalhar desmonta as estruturas de poder, revelando sua natureza ilusória e artificial. Gargalhar é desnudar a alma, é revelar o incontrolável em nós, é o instante em que a vida se assume em sua forma mais crua e verdadeira. A gargalhada e o riso são uma arma política, um grito de guerra que treme estruturas de poder, desafiando a ordem estabelecida e revelando a fragilidade daqueles que se escondem atrás de botas. Não é a gargalhada complacente do conformista, mas o riso irônico que desnuda a hipocrisia dos discursos vazios, a risada libertária que questiona a autoridade arbitrária.

É a arma da diferença, da singularidade, da multiplicidade. O riso celebra a diversidade, a pluralidade de vozes, a riqueza das experiências humanas. É a recusa da homogeneização, da padronização, da massificação que tentam nos impor. É o riso dos indígenas que preservam suas culturas ancestrais, o riso dos negros que resistem ao racismo, o riso dos imigrantes que constroem novas identidades. O riso é uma força subversiva, uma energia que irrompe do sujeito, contagiando a todos ao redor. É a faísca que acende a chama da revolta, a fagulha que incendeia a esperança. É o riso dos estudantes que se rebelam contra a ditadura, o riso dos trabalhadores que lutam por seus direitos, o riso dos artistas que desafiam a censura.

Rir é resistir, é lutar, é transformar. É afirmar a vida em sua potência mais radical, o deleite em gozo, a liberdade em sua expressão mais plena. O riso é a arma que nos liberta das amarras do medo, da culpa, da vergonha. É a arma que os tiranos não sabem manejar. Rir é, portanto, um ato sacro, um rito não iniciático de cura e libertação. Rir é criar, inventar, experimentar. É abrir-se ao novo, ao desconhecido, ao imprevisível. É deixar-se levar pelo fluxo da vida, pela força do desejo, pela potência do devir. Rir é viver intensamente, sem medo, sem culpa, sem arrependimentos. Cada risada, seja ela um murmúrio ou um clamor, é um passo em direção ao nosso por vir. Rir nos permite criar um mundo novo, um mundo onde a diferença seja celebrada, a singularidade seja valorizada, a multiplicidade seja a norma. Rir é a aceitação do bom-absurdo, a afirmação da verdadeira-verdade. É a máscara que revela o rosto, o rosto que esconde a máscara. É o silêncio que grita, o grito que silencia. É o nada que tudo contém, o tudo que nada significa. E eu te digo, com toda a certeza: o riso é o nosso legado, a nossa conexão com o passado e o futuro, o nosso momento de verdadeira união. Rir é promover utopias.





**rir é a arma que os tiranos não sabem manejar.**



**os deuses riem, sabia? erês riem. exus e pombagiras gargalham.**



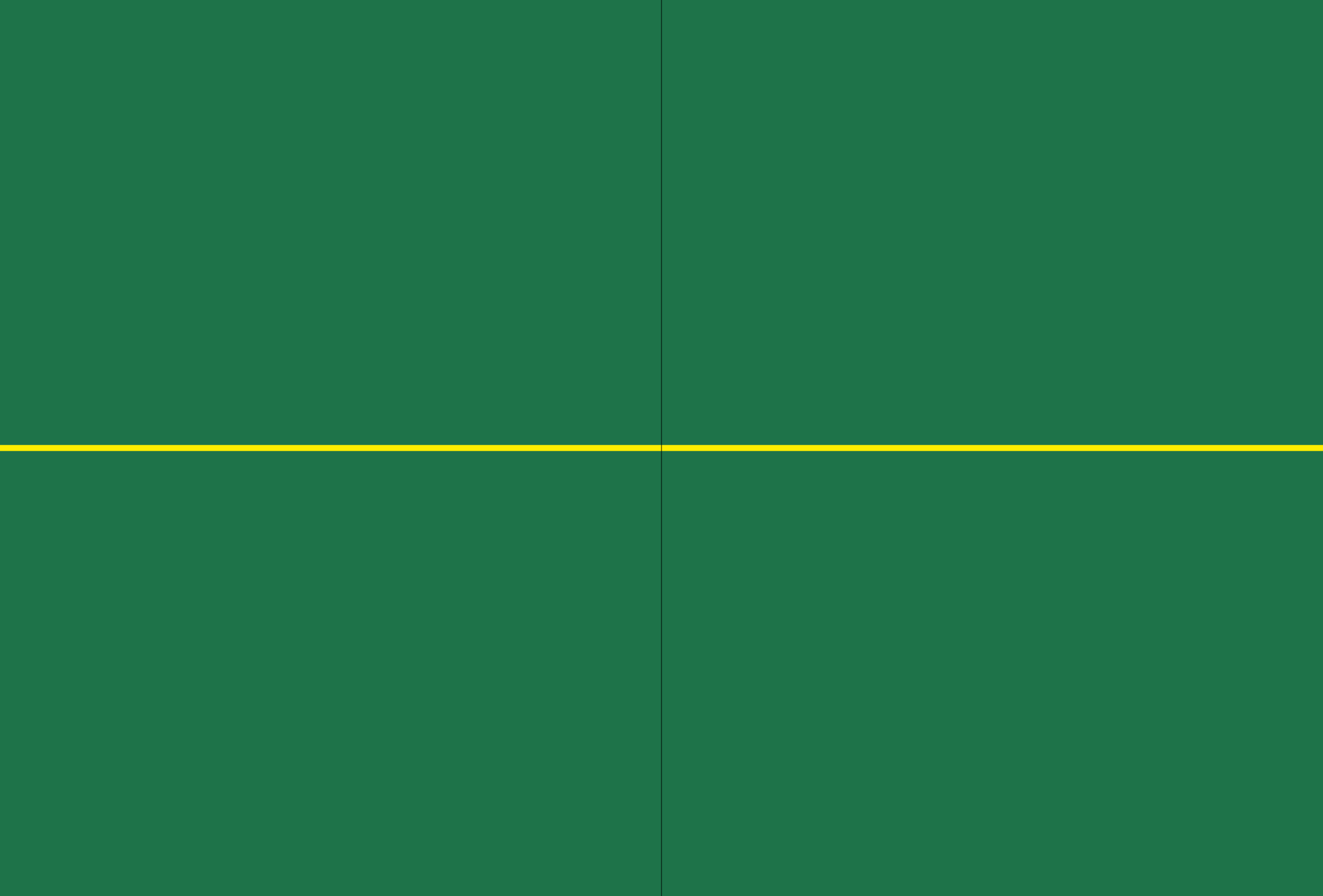
**rir é um ato sacro, um rito não iniciático de cura e libertação.**



**o riso é mais antigo do que as palavras. é nossa linguagem primeira.**



**rir não é um fim em si mesmo, mas um meio de transformação.**



rir.  
rir de braços abertos.  
rir com a flor que nasce.  
rir para a utopia concreta.  
rir.





DECRETO

vir



DECRETO

ir

*Lula*



## **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso durante o 59º Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE)  
Brasília-DF, 13 de julho de 2023.

"Eu voltei pra vocês voltarem a sorrir, pra vocês voltarem a sonhar, pra vocês voltarem a ter esperança, pra vocês voltarem a ter emprego, pra vocês voltarem a ter oportunidade."

**LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso na cerimônia de assinatura de atos: Programa Luz para Todos, Recuperação da BR-429 e convênios com MDA.  
Nova União-RO, 11 de agosto de 2004.

"Eu talvez seja o único político que não tem vergonha de chorar, e muito menos de rir."

## **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso na cerimônia de assinatura de atos: Programa Luz para Todos, Recuperação da BR-429 e convênios com MDA.  
Nova União-RO, 11 de agosto de 2004.

"E o direito de tomar o seu remédio e o direito de sorrir são dois direitos sem os quais a Humanidade não seria essa coisa boa que é."

## **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso na cerimônia de assinatura de atos: Programa Luz para Todos, Recuperação da BR-429 e convênios com MDA.  
Nova União-RO, 11 de agosto de 2004.

"Um pacote de cidadania que leve, entre outras coisas, luz para todos, de verdade; que leve assistência técnica para todos, que leve educação, que leve saúde e, no nosso caso, até dentista nós vamos fazer chegar nas regiões mais pobres do nosso país, para que jovens de 16 ou 18 anos não tenham vergonha de rir, neste país."

## **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso na cerimônia de abertura do 11º Congresso Nacional do PCdoB.  
Brasília-DF, 20 de outubro de 2005.

"Ele só tem que rir um pouquinho mais porque, até para contar piada ele fica sério."

## **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Videoconferência do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva com a seleção brasileira de futebol.  
Palácio do Planalto, 08 de junho de 2006.

"Certamente iremos chorar com vocês, iremos rir com vocês, certamente com os parentes de vocês. Mas vocês são motivo de orgulho para nós, são motivo de esperança para nós, e eu acho que todos vocês sabem o que significa para nós esse título. "

**LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso na cerimônia de inauguração da Embrapa Monitoramento por Satélite.  
Campinas-SP, 04 de março de 2008.

"Hoje eu posso rir, mas os economistas brasileiros sabem o que significou para o nosso País o ano de 2003."

## **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso na cerimônia de inauguração da Embrapa Monitoramento por Satélite.  
Campinas-SP, 04 de março de 2008

"Se um presidente da República não tiver coração para chorar com a dor do seu povo, para rir com a alegria do seu povo, se for aquela figura que parece um boneco, ou seja, que está sempre com a mesma cara, não tem emoção, não tem sentimento, não sabe o que é o desemprego, não sabe o que é a fome, não sabe por que neste país não colocaram mais jovens nas universidades, desses caras nós já aprendemos uma lição. Agora, o que nós precisamos é colocar no governo alguém que tenha o sangue da gente, o sentimento da gente, para fazer as coisas que a gente precisa."

## **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso na cerimônia de inauguração do projeto de urbanização do Igarapé da Cachoeirinha.  
Igarapé da Cachoeirinha-AM, 06 de maio de 2008.

"Como é que você pensa que são as reuniões do G-8? Você acha que chega lá, todo mundo tem um protocolo formal, tem que rir na hora certa? Não. Eu fui agora a Berlim para dizer para a Angela Merkel, para dizer para o G-8 que, do jeito que está acontecendo a reunião, eu não tenho mais interesse em ir, porque não estou disposto a ser tratado como cidadão de segunda classe. Ou nós fazemos uma reunião para discutir os problemas do mundo, ou não fazemos."

## **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso na cerimônia de recebimento do prêmio "O Brasileiro do Ano 2009".  
São Paulo-SP, 07 de dezembro de 2009.

"Essa bobagem de político achar que é um ser superior: 'eu não posso contar piada porque eu sou político, eu não posso rir porque eu sou político, eu não posso beber porque eu sou político, como se essas coisas fossem só de artista. Ora, meu Deus do céu, nós podemos fazer todas as coisas com a naturalidade que um ser humano tem que fazer."

## **LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

Discurso na cerimônia de recebimento do prêmio "O Brasileiro do Ano 2009".  
São Paulo-SP, 07 de dezembro de 2009.

"Portanto, meu caro, eu só posso dizer para você que muitas vezes iremos festejar, possivelmente, as nossas vitórias, iremos rir juntos, mas é possível que em alguns momentos, tenhamos que chorar juntos."

**LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA**

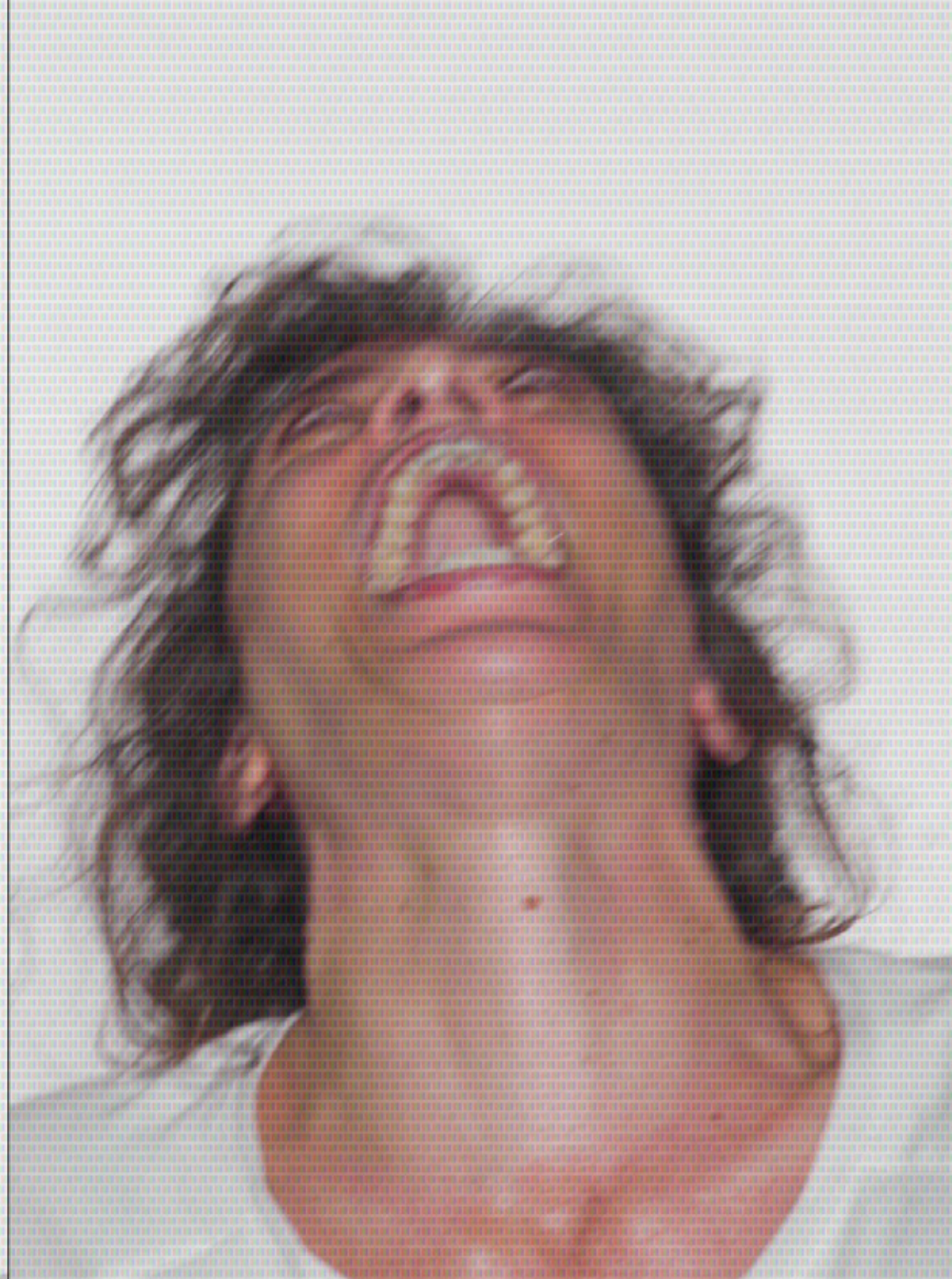
Discurso na cerimônia de recebimento do prêmio "O Brasileiro do Ano 2009".  
São Paulo-SP, 07 de dezembro de 2009.

"(...) para as pessoas trabalharem rindo, porque ninguém consegue rir se estiver ganhando pouco."



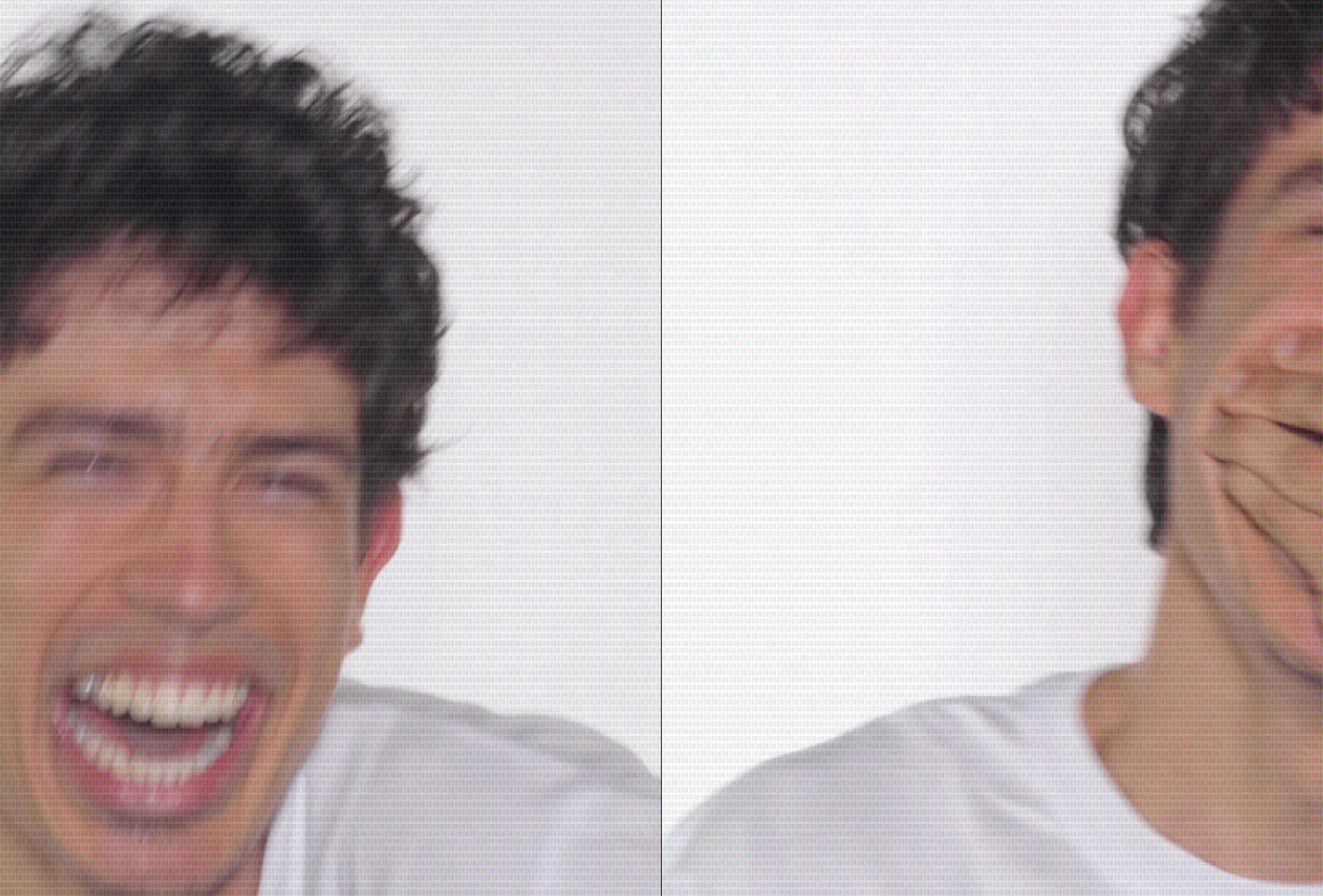
**RIR A BANDEIRAS DESPREGADAS, 2023**  
*Decreto assinado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva e video-instalação*  
(dimensões variadas)

>> montagem no Museu Nacional da República



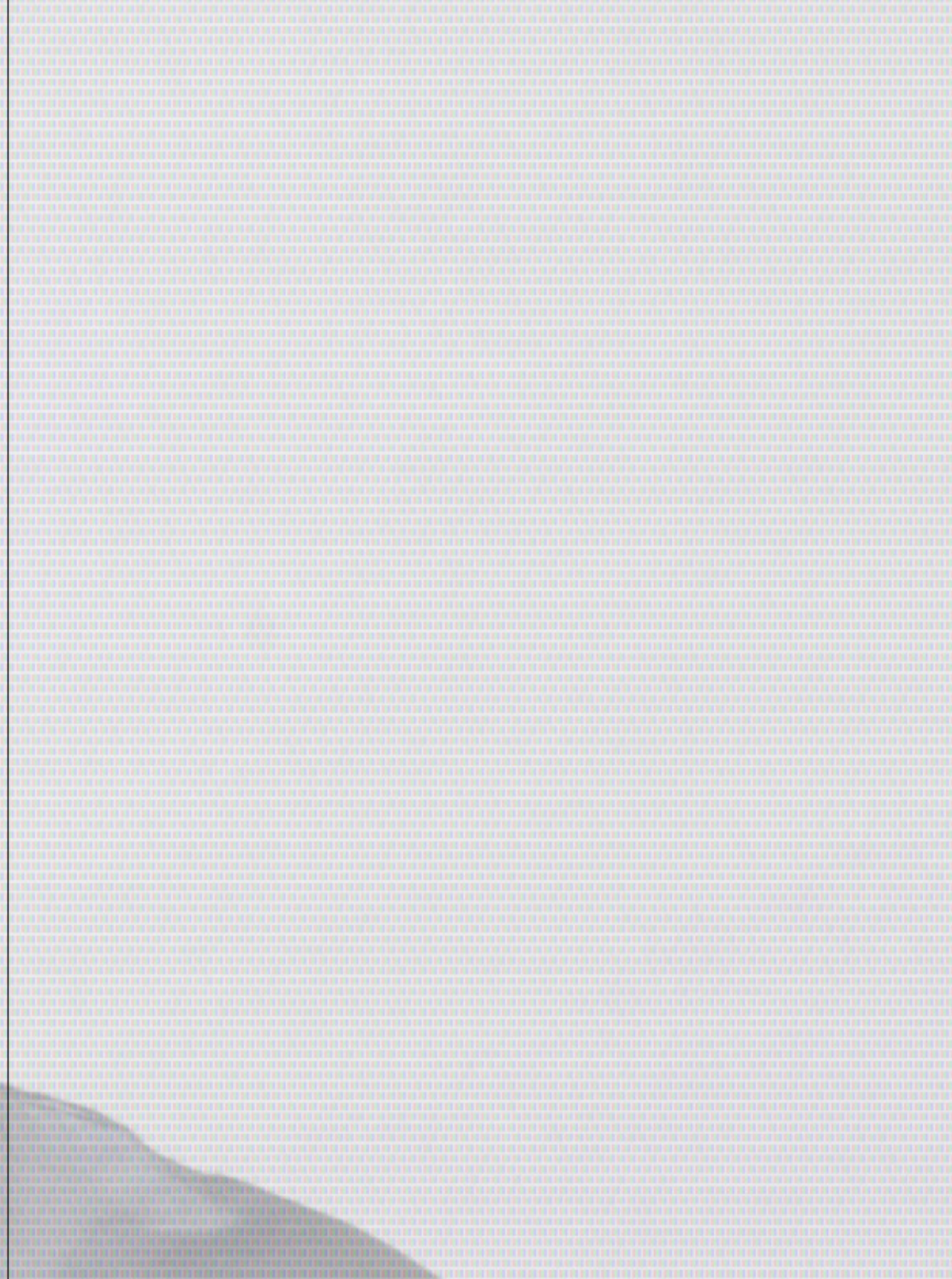








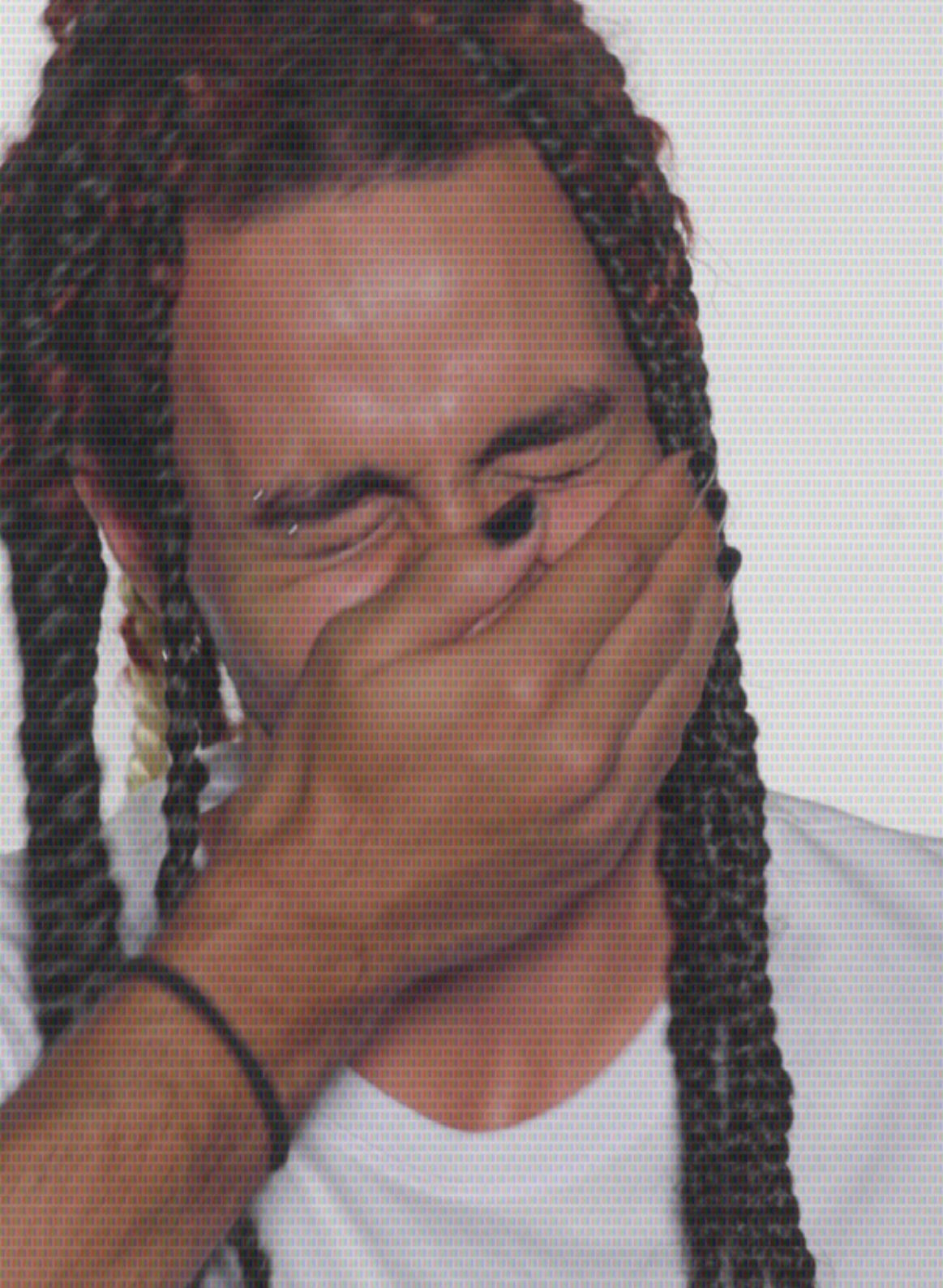


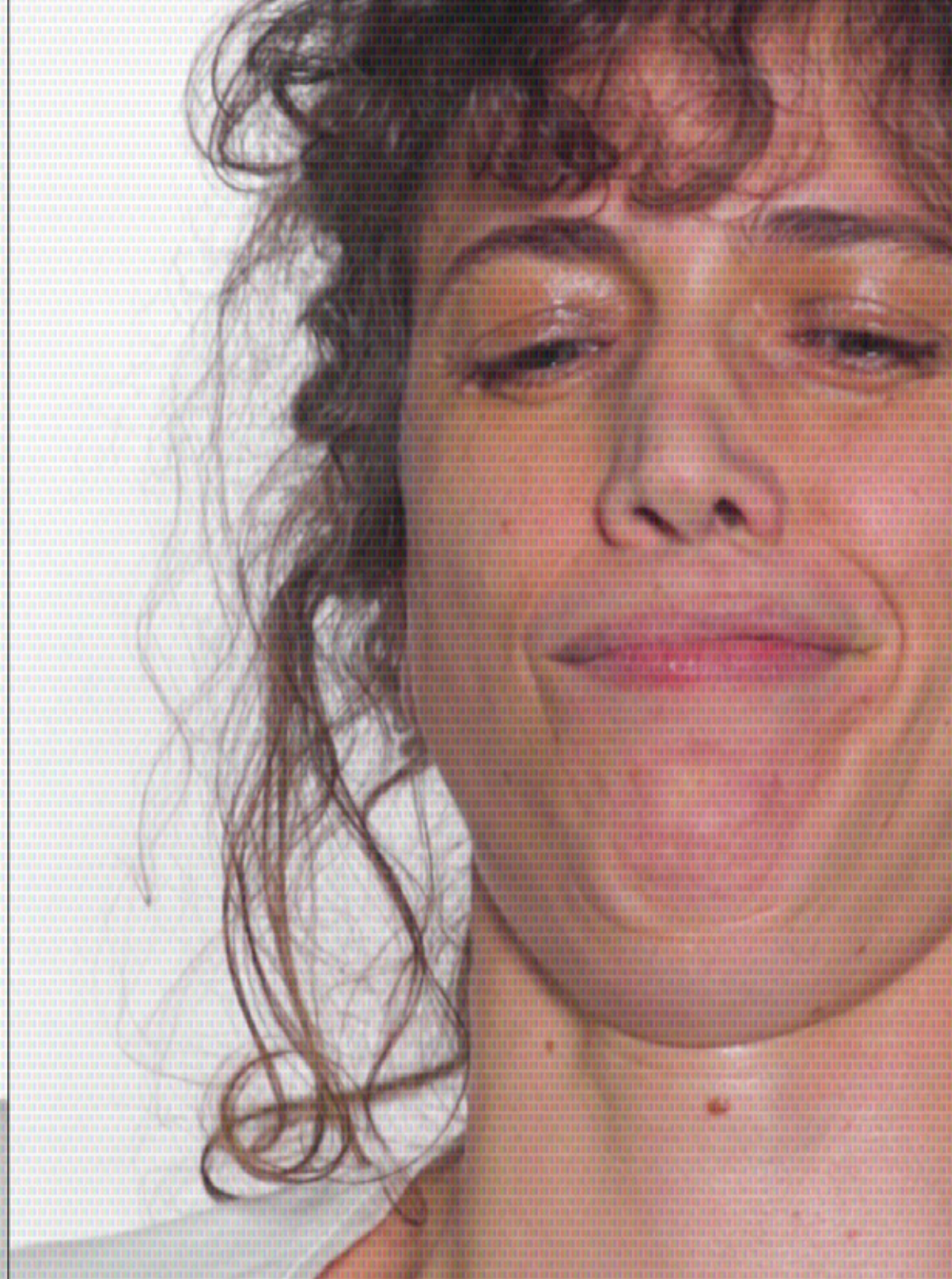




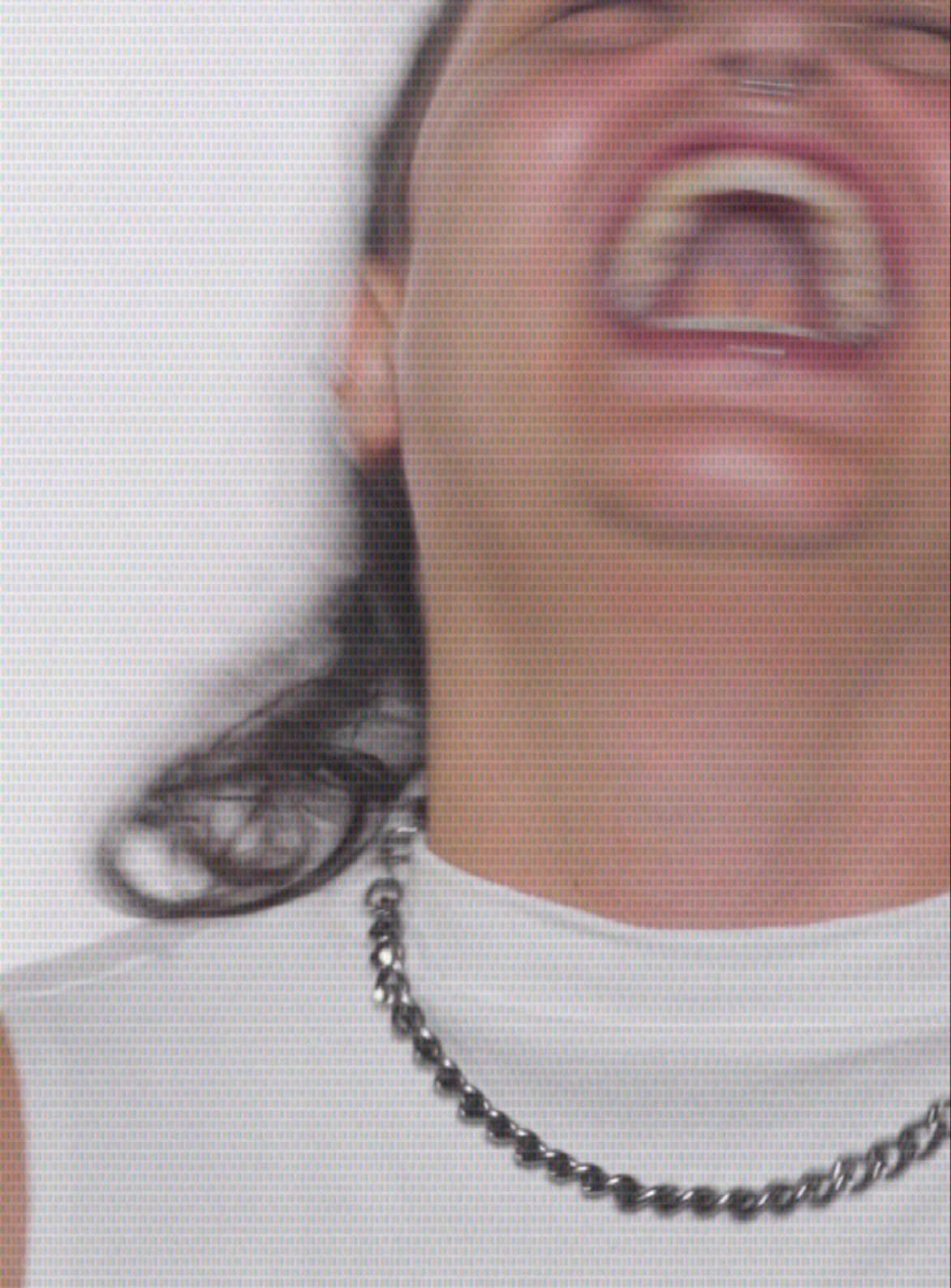




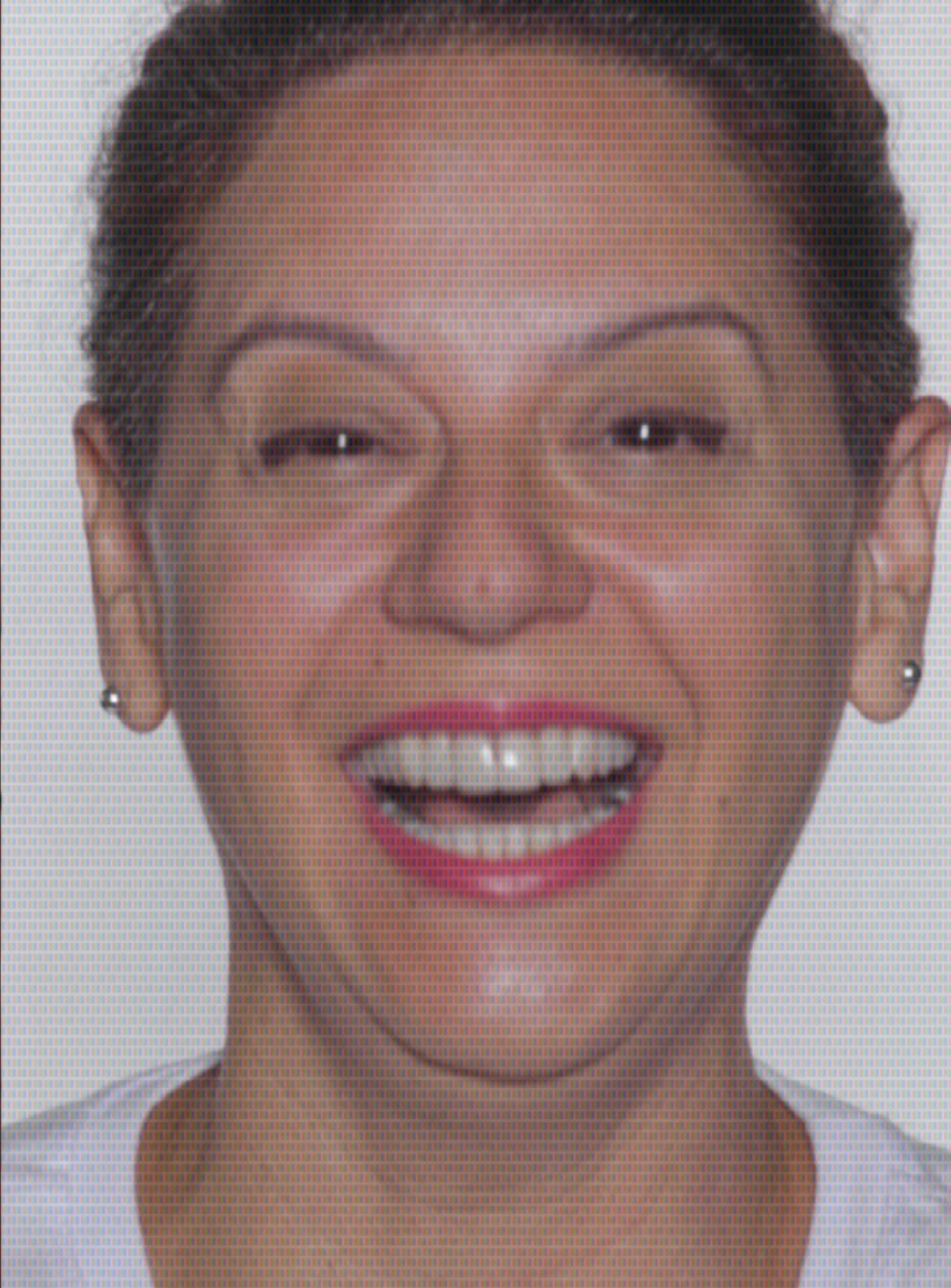


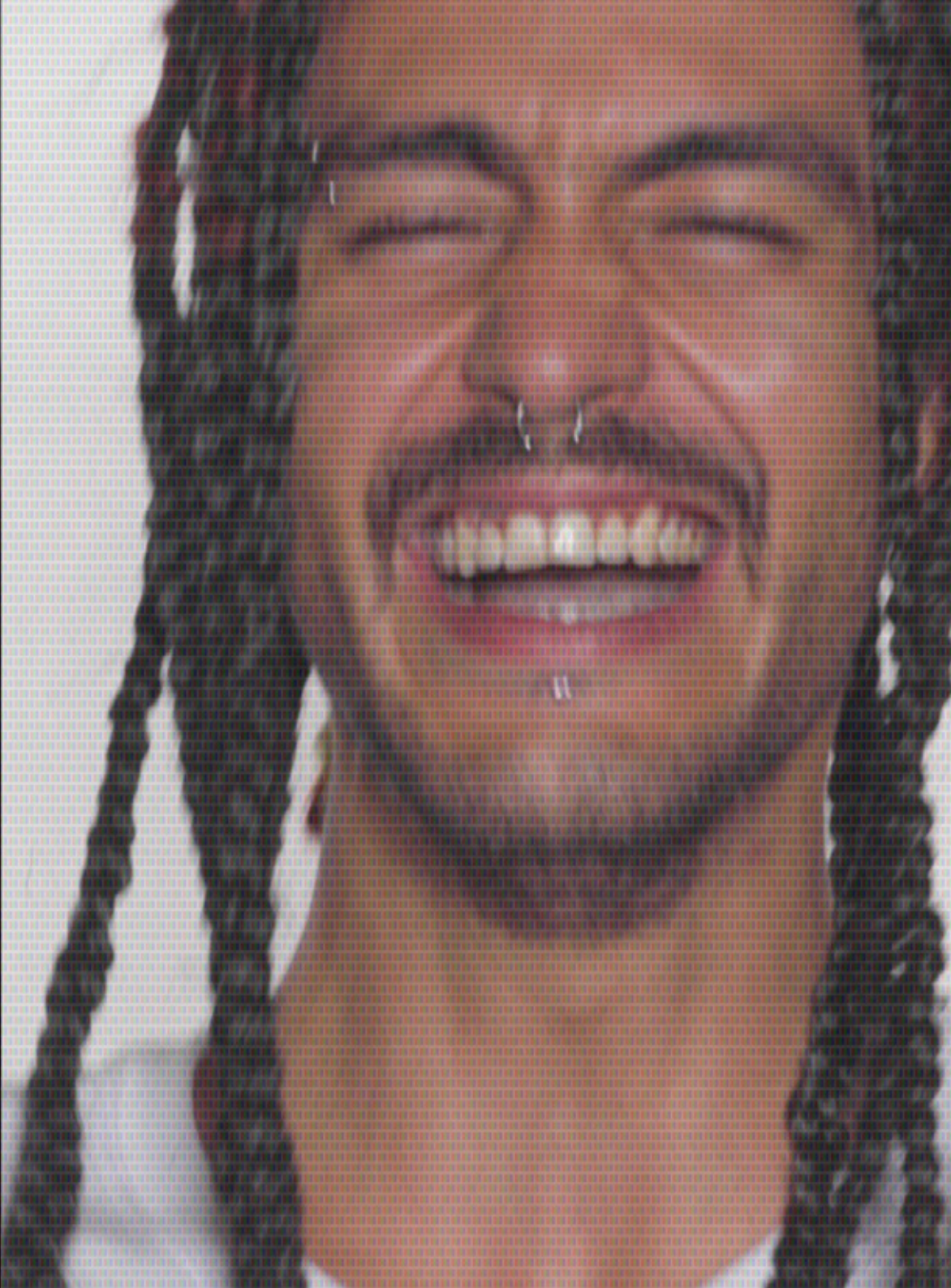


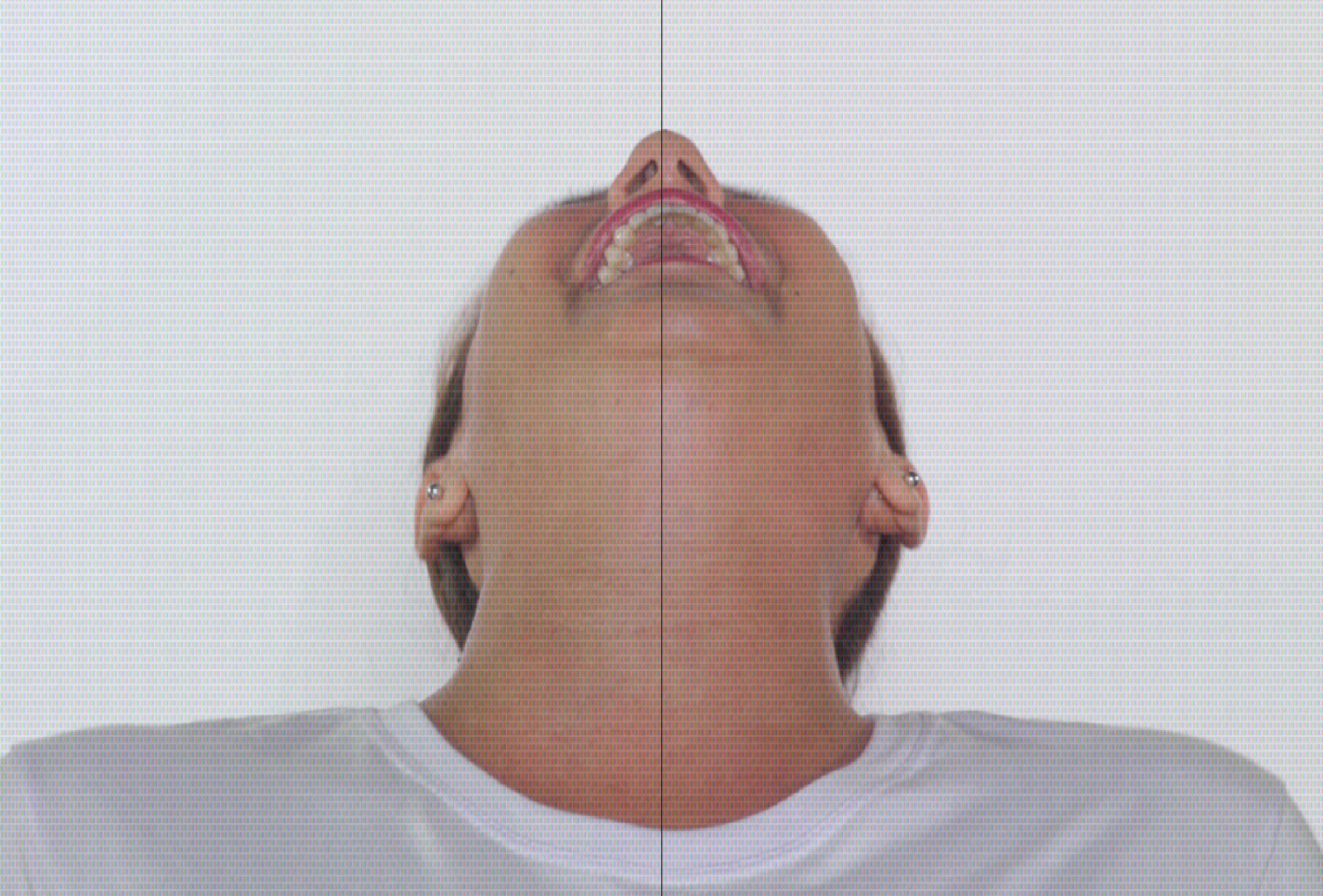
















## RIR DE NERVOSO

É a ânsima que se rebela contra a opressão da realidade. É a melodia desafinada que escapa da garganta estrangulada pelo medo. O riso que escapa em meio à tormenta, desconcertantemente perturbador. É um riso que brota quando a tensão acumulada encontra sua única válvula de escape. Nas cortes medievais, onde a etiqueta e a formalidade reinavam absolutas, o nervoso riso podia ser um sinal de desgraça iminente, uma revelação involuntária das inseguranças ocultas sob mantos de veludo e brocados. No reinado de Luís XIV, a corte francesa era um palco de extrema formalidade e pressão, onde os cortesãos frequentemente riam nervosamente, conscientes de que qualquer deslize poderia resultar em desgraça ou desonra. Este é o riso trêmulo, quase involuntário, que surge quando o coração se debate entre o medo e a incerteza. É o riso dos dedos inquietos, das mãos que não encontram repouso. Na Inquisição Espanhola, era comum os acusados rirem nervosamente ao serem interrogados, conscientes do perigo iminente e da gravidade das acusações. Shakespeare capturou esse riso em suas tragédias, onde personagens riam em desespero diante da inevitável catástrofe. Na máscara do nervosismo, o riso se faz presente, não como alegria, mas como um suspiro desesperado. Durante os julgamentos da Revolução Francesa, muitos riam nervosamente no Tribunal Revolucionário, enquanto esperavam por suas sentenças, sabendo que a guilhotina poderia ser seu destino. É a alma buscando um refúgio breve, uma faísca de normalidade no caos que a envolve. O nervoso riso é a risada que trai nossa vulnerabilidade, revelando a tensão que se esconde no íntimo. Esse riso ocorre onde a incerteza é a única certeza. Um riso que, paradoxalmente, pode trazer alívio momentâneo, uma breve trégua na batalha interna, antes que as ondas voltem a bater.

## RIR DE CONSTRANGIMENTO

Uma risada que não quer rir, um sorriso que se contrai na face como uma máscara mal ajustada. É a alma que tropeça em si mesma, exposta na vitrine da vergonha. O riso de constrangimento é a cortina de fumaça que tenta esconder o incêndio interior, a tentativa desesperada de se camuflar na multidão. É o eco do não dito, a melodia desafinada da alma em desalinho, o grito abafado da vulnerabilidade exposta. É o riso que surge quando somos pegos de surpresa e a vergonha nos colore as faces. É o riso que tenta suavizar a dureza do momento, que busca transformar o desconforto em algo suportável. Durante os salões literários do século XVIII, um comentário inadequado ou uma gafe social era frequentemente seguido por risos constrangidos, uma forma de manter as aparências e salvar a face. Em 1938, durante a Conferência de Munique, líderes europeus riram constrangidos ao tentar negociar com Hitler, sem saber que suas concessões levariam a uma guerra devastadora. Rir de constrangimento é um reflexo de nossa necessidade de aceitação, de nosso medo de sermos julgados. Após a Segunda Guerra Mundial, muitos dos acusados nos Julgamentos de Nuremberg riram de constrangimento durante os depoimentos, tentando disfarçar a gravidade de seus crimes. É o riso que emerge quando tropeçamos em nossas próprias palavras, quando uma situação nos pega desprevenidos e a única defesa é um sorriso tímido. É o riso dos discursos públicos que falham, das piadas que não são bem recebidas, das situações embaraçosas que todos preferem esquecer. É um riso que revela nossa fragilidade, que nos lembra que, apesar de tudo, somos humanos e imperfeitos. É o riso que, mesmo tímido e hesitante, carrega em si a esperança de que o mundo será gentil conosco e que o momento embaraçoso logo passará.

## RIR DE ALÍVIO

Um soluço que se transforma em gargalhada, a tensão que se desfaz em espasmos. É a alma que se desprende da ribanceira, o contento que floresce na fenda da agonia. É o avião que trespassa as nuvens carregadas, a canção desafinada que, no entanto, encontra sua estranha harmonia. É o abraço da vida que nos acolhe após a queda, o sussurro do vento que nos lembra que ainda estamos vivos. É um riso leve, quase um suspiro, que se desprende dos lábios como folha em outono. Em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial, as celebrações ao redor do mundo foram marcadas por risos de alívio, pois a humanidade havia sobrevivido a um dos conflitos mais devastador da história. Durante as festividades medievais, o riso de alívio preenchia as ruas após os rigores do inverno e as privações, um canto de gratidão pelo retorno da primavera. Em 1789, após a queda da Bastilha, muitos parisienses riram de alívio ao verem o símbolo da opressão monárquica desmoronar, um suspiro coletivo de esperança e renovação. Rir de alívio é sentir o peso do mundo se dissolver, é a emoção que se liberta após a espera angustiante. No final do século XIV, quando a Peste Negra finalmente começou a recuar, os sobreviventes riam de alívio, celebrando o fim de uma das pandemias mais mortais da história. Este riso é uma prece silenciosa, um agradecimento pela trégua concedida. É o riso que sela o fim de uma luta, o começo de uma nova paz. É um riso que enche o coração de gratidão, que faz os olhos brilharem com uma nova esperança. É um riso que nasce da profundidade do ser, que ecoa como um cântico de vitória, uma melodia que celebra a sobrevivência, a superação. É um riso que abraça, que conforta, que diz sem palavras: "Estamos bem, finalmente bem".

## RIR DE SURPRESA

Uma explosão inesperada, um susto que se transforma em alegria. É a alma que se abre para o novo, a curiosidade que se transforma em deleite. O riso de surpresa é a faísca que acende a chama da descoberta, a porta que se abre para um mundo desconhecido, o despertar da alma para a beleza do inesperado. É o instante em que a vida nos presenteia com o imprevisível. Em 1492, quando Cristóvão Colombo e sua tripulação avistaram terra após meses no mar, riram de surpresa e alegria, haviam chegado no outro continente. Na Idade Média, os bobos da corte arrancavam risos de surpresa com suas palhaçadas imprevisíveis, transformando a monotonia da corte. Na Renascença, onde a redescoberta do mundo trouxe novos horizontes, o riso de surpresa era frequente ao se deparar com maravilhas desconhecidas. Em 1826, quando Joseph Nicéphore Niépce apresentou a primeira fotografia, muitos riram de surpresa e admiração ao verem a imagem capturada pela luz pela primeira vez. Este riso é um presente do instante, um reflexo puro da maravilha diante do inesperado. Em 1919, ao fim da Primeira Guerra Mundial, a assinatura do Tratado de Versalhes provocou risos de surpresa entre muitos que não acreditavam que o conflito finalmente havia terminado. É a criança interna que desperta, fascinada pelo mundo e suas infinitas possibilidades. É um riso que carrega a inocência e a espontaneidade, que desarma e encanta. É o riso que surge quando menos se espera, que transforma um momento ordinário em algo extraordinário. É o riso que celebra a imprevisibilidade da vida, que abraça o desconhecido com entusiasmo. É um riso que nos faz sentir vivos, que nos lembra da magia que reside em cada canto do cotidiano, aguardando para ser descoberta.

## RIR COM IRONIA

O riso irônico é uma piscadela para o absurdo da existência. Aquele que se delicia com a ambiguidade, que encontra prazer na complexidade, que se recusa a ser enganada pelo óbvio. O riso irônico é a reação a uma declaração ou situação que apresenta um contraste entre o que é dito e o que é realmente pretendido. Ele pode ser interpretado como uma forma de reconhecimento da incongruência e uma demonstração de inteligência e perspicácia. Tão sutil e penetrante, é uma dança delicada entre o dito e o não dito. Este riso carrega em si a dualidade do entendimento, onde a superfície das palavras esconde um abismo de significados. Na Grécia Antiga, Sócrates frequentemente usava a ironia em seus diálogos, rindo ironicamente das respostas de seus interlocutores para expor sua ignorância. É o riso que surge do reconhecimento das contradições da vida, da disparidade entre o ideal e o real. Durante a Revolução Americana, os colonos riam ironicamente das tentativas britânicas de manter o controle, especialmente após vitórias inesperadas, revelando a hipocrisia de suas imposições. É o riso que se disfarça de inocência, que joga com as aparências, que lança perguntas onde parecem estar as respostas. Durante o Iluminismo, escritores como Voltaire usavam a ironia para criticar as instituições e revelar a hipocrisia que permeava a sociedade. Rir de ironia é um convite à reflexão, um estímulo ao discernimento. No final do século XIX, Oscar Wilde utilizava a ironia em suas peças e escritos para criticar a sociedade vitoriana, rindo das normas e hipocrisias de sua época. É o riso onde cada coisa carrega o peso de seu contrário. É o riso que nos acompanha nas leituras de "Candide", que nos faz ver a candura e a crueldade em uma mesma moeda, que nos ensina que a vida é um jogo de máscaras, onde a verdade se esconde atrás de um sorriso irônico.

## RIR DE DEBOCHE

Um riso que se curva como uma lâmina afiada para desmascarar a hipocrisia. É o eco da alma que se recusa a ser silenciada, que encontra na gargalhada uma arma contra a opressão. O riso de deboche revela a força daqueles que não se curvam diante da injustiça. Um riso que não aquece corações endurecidos, mas que incendeia almas rebeldes. Ah, o riso de deboche, tão afiado, cortando as vaidades. Este riso é uma arma, forjada nas fornalhas da sagacidade e do desdém. Durante o Iluminismo, Voltaire frequentemente usava o riso de deboche em seus escritos para criticar a Igreja e a monarquia, ridicularizando suas pretensões e hipocrisias. O riso de deboche é a música dissonante que desestabiliza, que revela a farsa com um brilho nos olhos e um canto nos lábios. Nas cortes renascentistas, o deboche era o terreno dos bufões e trovadores, que, com sua astúcia, expunham as hipocrisias dos nobres. No início do século XX, o jornal satírico francês "L'Assiette au Beurre" usava o deboche para criticar a política e a sociedade da época, com caricaturas e textos mordazes, desnudando as fraquezas daqueles que se julgavam invulneráveis. É o riso que emerge da compreensão da falibilidade humana, um espelho cruel refletindo as fraquezas daqueles que se julgam invulneráveis. Na Revolução Francesa, o deboche era uma ferramenta de resistência, onde os oprimidos ridicularizavam a aristocracia com charges e caricaturas mordazes. O riso de deboche não é apenas um riso, mas uma declaração, uma afronta aberta contra a ordem estabelecida. Em 1940, Charlie Chaplin, em "O Grande Ditador", usou o riso de deboche para parodiar Adolf Hitler e o regime nazista, expondo suas atrocidades através do humor. É um riso que não conhece barreiras, que atravessa as convenções sociais e as despedaça sem remorso. É o riso que coloca o poderoso em seu devido lugar, que lembra ao mundo que ninguém está além do alcance do escárnio.

## RIR DE EUFORIA

É o riso dos amantes que se entregam à paixão, dos guerreiros que conquistam a glória, dos poetas que desvendam os mistérios da alma. Nele, vislumbramos o divino, a centelha da criação que anima todas as criaturas. É uma força que nos une, que transcende nossas diferenças e nos lembra de nossa humanidade compartilhada. É corrente elétrica que percorre o corpo, incendiando cada célula com um fogo incontrolável, que explode. Em 8 de maio de 1945, o Dia da Vitória na Europa (V-E Day) foi marcado por risos de euforia em toda a Europa e América do Norte, celebrando o fim da Segunda Guerra Mundial na Europa. É o riso dos momentos de êxtase, quando a alegria transborda e não há contenção possível. Nos festivais antigos de colheita, o riso de euforia era um tributo à abundância, uma celebração do sucesso coletivo e da generosidade da terra. Em 1989, quando o Muro de Berlim caiu, os alemães do Leste e do Oeste riram de euforia ao se reunirem após décadas de separação. É o riso que se eleva ao céu como um hino à alegria de existir, que ecoa nas montanhas e nos vales. Na Roma Antiga, durante os triunfos, os generais vitoriosos eram recebidos com um clamor de risos e júbilo, uma euforia que contagiava toda a cidade. Em 1969, quando Neil Armstrong e Buzz Aldrin pousaram na Lua, a equipe da NASA riu de euforia, comemorando um dos maiores feitos da humanidade. Rir de euforia é sentir a vida pulsar com uma intensidade avassaladora, é ser tomado por uma onda de felicidade que varre todas as incertezas e medos. É o riso dos apaixonados que se encontram após uma longa separação, dos torcedores que vêem seu time vencer no último segundo, dos artistas que recebem o aplauso retumbante da plateia. É o riso que celebra o milagre da vida, que nos faz sentir infinitamente vivos.

## ANTIGUIDADE

**Aristóteles**  
(384–322 a.C.)

Aristóteles, em sua obra "Poética", afirmou que o riso é uma característica exclusivamente humana. Ele relacionava o riso ao cômico, que surge da imitação de homens inferiores, mas não em todos os aspectos, apenas em aspectos ridículos.

**Platão**  
(427–347 a.C.)

Platão via o riso de forma ambivalente. Em "A República", ele expressou preocupações sobre os efeitos do riso, sugerindo que poderia minar a autoridade e a seriedade necessárias à ordem social.

## IDADE MÉDIA

**Santo Agostinho**  
(354–430)

Na obra "Confissões", Santo Agostinho tratou o riso com desconfiança, associando-o ao pecado e ao desvio moral. Ele via o riso como uma manifestação de orgulho e arrogância.

**São Tomás de Aquino**  
(1225–1274)

Aquino, em sua "Suma Teológica", reconheceu o valor do riso moderado como uma expressão de alegria e bem-estar, desde que não fosse excessivo ou prejudicial à virtude. Ele via o riso como parte da natureza humana e um dom divino.

## RENASCIMENTO

**Erasmus de Rotterdam**  
(1466–1536)

Erasmus, em obras como "Elogio da Loucura", utilizou a sátira e o humor para criticar a sociedade e a igreja de sua época, demonstrando a importância do riso como ferramenta de crítica social e intelectual durante o Renascimento.

**François Rabelais**  
(1494–1553)

Rabelais, em suas obras satíricas como "Gargantua e Pantagruel", utilizou o riso como uma ferramenta crítica, desafiando a autoridade e as normas sociais de seu tempo. Seu uso do humor grotesco serviu para subverter a ordem estabelecida.

## ILUMINISMO

**Immanuel Kant**  
(1724–1804)

Kant, em sua "Crítica da Faculdade do Juízo", propôs que o riso surge da "expectativa frustrada", onde algo que se espera acontece de forma diferente, gerando surpresa e riso.

**Thomas Hobbes**  
(1588–1679)

Hobbes, em "Leviatã", sugeriu que o riso é uma expressão de superioridade, onde o indivíduo ri ao perceber sua vantagem sobre os outros.

## SÉCULO XIX

**Charles Darwin**  
(1809–1882)

Em "A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais", Darwin explorou a natureza biológica e evolutiva do riso, observando sua universalidade entre culturas e espécies, seus mecanismos fisiológicos e seu papel na comunicação e no vínculo social.

**Henri Bergson**  
(1859–1941)

Bergson, em seu ensaio "O Riso", argumentou que o riso tem uma função social, corrigindo comportamentos desviantes e mecanizados. Ele via o riso como uma forma de reforçar a vitalidade e a flexibilidade humanas.

## SÉCULO XX

**Sigmund Freud**  
(1856–1939)

Em "O Chiste e sua Relação com o Inconsciente", Freud analisou o riso como uma forma de liberar tensões psíquicas e emoções reprimidas. Ele via o humor como um mecanismo de defesa.

**Mikhail Bakhtin**  
(1895–1975)

Bakhtin, em "A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento", destacou o papel do riso no Carnaval, onde as normas e hierarquias sociais são temporariamente suspensas, permitindo uma subversão simbólica da ordem.

## CONTEMPORANEIDADE

**Victor Turner**  
(1920–1983)

Turner, em seus estudos de rituais e performances, explorou o riso como parte dos processos liminais, onde as estruturas sociais são momentaneamente desestabilizadas para permitir a transformação social.

**Elliott Oring**

Em "Engaging Humor", Oring examinou o riso e o humor como práticas culturais que refletem e contestam normas sociais, enfatizando a importância do contexto cultural na compreensão do que é considerado engraçado.

Georges Minois, em seu livro "História do Riso e do Escárnio", oferece uma análise abrangente e detalhada do papel do riso e do escárnio ao longo da história humana. Com uma abordagem cronológica e interdisciplinar, Minois traça a evolução dessas manifestações culturais desde suas origens mitológicas até a era contemporânea. Aqui apresentamos alguns apontamentos da obra, destacando a importância do riso como fenômeno social, filosófico e político.

### O Riso na Mitologia e Filosofia Antiga

Minois inicia sua investigação na Grécia Antiga, onde o riso é frequentemente associado aos deuses e à criação do universo. Na mitologia grega, o riso dos deuses, como o de Zeus, simbolizava poder e imortalidade, distinguindo-os dos mortais. A ambivalência do riso divino, que tanto une quanto desestabiliza, estabelece as bases para a compreensão do riso nas culturas subsequentes. No Monte Olimpo, os deuses riam frequentemente das travessuras e disputas entre si. Um exemplo notável é o riso de Zeus ao ver Hefesto, o deus ferreiro, tentando separar Hera, sua mãe, de uma armadilha que ele mesmo havia criado.

Filósofos como Sócrates, Demócrito e Platão deram continuidade a essa reflexão, utilizando o riso como ferramenta crítica. Sócrates, com sua ironia, e Demócrito, conhecido como o "filósofo que ria", exploraram o riso como meio de desvelar a

ignorância e enfrentar o absurdo da existência. Sócrates utilizava o riso para expor a ignorância de seus interlocutores, conduzindo-os a um estado de perplexidade que ele considerava necessário para o verdadeiro conhecimento.

### **O Riso na Cultura Romana**

Ao explorar a Roma Antiga, Minois destaca a função social e política do riso. O humor e a sátira, especialmente na obra de autores como Juvenal e Marcial, eram instrumentos poderosos de crítica social. O riso não apenas entretinha, mas também subvertia as normas sociais, expondo as falhas e hipocrisias da sociedade. Juvenal, em suas sátiras, criticava ferozmente a corrupção e a decadência moral de Roma, utilizando o humor para evidenciar as falhas do sistema político e social. Marcial, em seus epigramas, frequentemente utilizava trocadilhos e jogos de palavras para ridicularizar figuras públicas e situações cotidianas, oferecendo um vislumbre da vida romana através de uma lente cômica.

O riso também tinha um lugar nos jogos e no entretenimento público. Nos espetáculos de gladiadores e no circo, o humor era usado para desviar a atenção da violência e da brutalidade dos eventos. Comediantes e mímicos desempenhavam papéis importantes nesses eventos, proporcionando alívio cômico ao público. Durante festividades como o Carnaval, as normas sociais eram temporariamente invertidas, e o riso se tornava uma forma de liberar as tensões sociais. Essas festividades permitiam uma liberdade de expressão rara, onde o humor e o escárnio podiam ser dirigidos até mesmo aos mais poderosos.

### **A Diabolização e a Ressurreição do Riso na Idade Média e Renascimento**

Na Alta Idade Média, o riso foi muitas vezes visto como diabólico e contrário às virtudes cristãs. No entanto, durante festividades como o Carnaval, o riso ganhava espaço como uma forma de subversão temporária das normas estabelecidas. Minois mostra como essas celebrações permitiam uma libertação das tensões sociais, onde o riso se tornava um ato de resistência. Durante o Carnaval, as normas sociais eram invertidas, e as pessoas podiam ridicularizar autoridades e instituições sem medo de represálias. Este período de liberdade temporária permitia uma crítica social velada através do humor e da paródia.

No Renascimento, figuras como Rabelais utilizaram o riso para desafiar a autoridade e promover a liberdade intelectual e moral. O riso renascentista é visto como uma força de renovação cultural e crítica social. Rabelais, em sua obra "Gargântua e Pantagruel", utilizava o humor grotesco e o absurdo para criticar a igreja e as instituições educacionais de sua época, promovendo uma visão humanista e libertária do mundo.

### **O Riso Moderno: Ferramenta de Resistência e Crítica**

No século XIX, o riso e o escárnio tornaram-se ainda mais importantes como ferramentas de resistência política e social. Minois examina como o humor burlesco e a

sátira política emergiram como formas de enfrentar a opressão e promover a mudança social. No século XX, o humor negro e a sátira se consolidaram como formas de crítica social, desafiando as convenções e expondo as injustiças do mundo moderno. A obra de Oscar Wilde e sua utilização do humor e do sarcasmo para criticar a moral vitoriana é um exemplo notável de como o riso pode ser utilizado como uma forma de resistência.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o humor negro e a sátira foram usados como formas de resistência contra a opressão nazista. Filmes como "O Grande Ditador", de Charlie Chaplin, utilizavam o humor para criticar Hitler e o regime nazista. Minois argumenta que o riso, em todas as suas formas, é uma expressão vital de liberdade e um meio de resistência contra a tirania e a hipocrisia.

"Rir a Bandeira Despregada" é um caderno de artista que documenta o processo criativo e conceitual que deu origem a obra homônima de Christus Nóbrega. O trabalho foi comissionado para a exposição "Brasil do Futuro: As Formas da Democracia", curada por Lília Schwarcz, Márcio Tavares, Paulo Vieira e Rogério Carvalho e apresentada durante a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no Museu Nacional da República, em 1º de janeiro de 2023. A obra é composta por uma videoinstalação e um decreto presidencial, o "Decreto do Rir", assinado pelo presidente em uma cerimônia protocolar. A videoinstalação exibe imagens de pessoas de diversas faixas etárias, etnias e gêneros rindo, explorando o riso como um ato de coragem, resistência e libertação. "Rir a Bandeira Despregada" oferece uma reflexão sobre o papel do riso na sociedade, destacando sua capacidade de celebrar ou desorganizar a ordem estabelecida, a diversidade e a singularidade humana e promover utopias.

